conflito de gerações

ATHAYDE RIBEIRO DA SILVA *

Rigorosamente, em têrmos históricos, sempre existiu conflito de gerações; apenas êsses choques se tornam agudos e violentos nas épocas de transição, em tempos de mutação social. Tal como hoje. Da expressão crise da juventude usa-se e abusa-se. Todavia, ninguém fala em crise dos pais. Talvez que o mais certo fôsse dizer: não há crise da juventude; o que existe é a juventude da crise ... No Brasil, atravessamos fase tumultuosa dêsse conflito. É verdade que nem tôda a extensão territorial de nosso país passa por essa crise. Se fizermos duas grandes divisões — Brasil urbano e Brasil rural — logo veremos que não há conflitos tão marcados na segunda. A estrutura e organização da família brasileira repousa numa base mouro-ibérica, ou naquela em que o pai tem todos os direitos, todos os privilégios. Mãe e filhos se colocam em atitude passiva e de dependência. O guia e sustentáculo imprime a diretiva, dá conselhos, decide; os demais ouvem, só falando quando autorizados a isso.

Essa organização social foi protegida jurìdicamente através das Ordenações Manuelinas e Filipinas, as quais deixaram sulcos profundos no direito civil brasileiro e, com isso, nas relações familiares.

Se essa família mouro-ibérica é o núcleo inicial, a Casa Grande pratriarcal acentuaria ainda mais a predominância e autoridade do pai, aquêle homem de barbas autoritárias, de suíças que escondiam o rosto sem

* Do Instituto de Seleção e Orientação Profissional, FGV.

sorriso, impondo uma tradição de conduta e de princípios que os filhos deviam aceitar.

Avisadamente, aquelas Ordenações jurídicas garantiam a indivisibilidade de bens na Sociedade patriarcal: o primogênito era o único herdeiro; garantida ficava a grande propriedade, que não era retalhada por partilha *causa mortis;* a base econômica da família patriarcal passaria intacta de geração a geração, mantendo a estrutura familiar.

E naquela Casa Grande, populosa, cheia de filhos, de afilhados e de *criados* (veja-se o sentido psicológico do têrmo), reinava o monarca, o chefe da família numerosa, organizada em estilo tribal.

O ranço dessa hipertrofia de autoridade, dêsse poder unificador de comportamentos está em seus estertores finais, agitados, danificadores, às vêzes dolorosos para pais e filhos.

O conflito de gerações no Brasil é produto não só de uma dicotomia urbano-rural (dois tipos de subculturas), mas está condicionado, também, pelo tipo de família e pelo tipo de pais.

Thales de Azevedo, em *Cultura e Situação Racial no Brasil,* estabelece quatro tipos na família brasileira:

- patriarcal remanescente;
- nuclear, conjugal, biológica;
- amasiados;
- parcial.

A primeira é formada por setores de alta classe que ainda derivam seus *status* e prestígio da aristocracia rural, do passado escravocrata (descendente dos senhores de engenho de Pernambuco e faixas vizinhas do Nordeste úmido, do Recôncavo Baiano, do Estado do Rio açucareiro e cafeeiro, e os paulistas de "Quatrocentos anos"). Seus membros conservam poderosos laços de solidariedade, expectativas de apoio recíproco, os sistemas de obrigações e lealdade, contatos constantes pelo telefone e por visitas, reuniões de família, correspondência, havendo nítida diferença entre estranhos e parentes. Comenta Thales de Azevedo que membros dessas famílias são capazes de mencionar, às vêzes, 500 parentes próximos e distantes.

A êsse numeroso grupo de interação primária adere um número considerável de afilhados e compadres, especialmente, dentre êsses, os que são agregados, rendeiros, empregados, vizinhos.

O segundo tipo de família é o predominante em todos os níveis da estrutura social; é a da classe média urbana, resultante não só de desin-

tegração da família patriarcal, como das condições originadas pelo crescimento das cidades.

Caracteriza-se pela preocupação com a educação de alto nível para os filhos, por um certo insulamento, pois fecham as paredes de suas residências a parentes, e limitam a procriação. Os apartamentos ou casas pequenas, a escassez progressiva de empregadas domésticas, a espôsa que trabalha, são fatôres que determinam essa reclusão apenas com os filhos.

O terceiro tipo tem as mesmas características de constituição, composição, estrutura e funcionamento, porém é menos instável, com o círculo externo de parentesco e compadrio muito mais limitado. A deserção masculina aí é mais freqüente, o que explica o elevado número de amasiamentos, "tipo de união consensual de relativa estabilidade", já consagrada e aceita como produto do costume e tradição. É um tipo de família muito freqüente entre as classes mais pobres.

O quarto tipo consiste em lar presidido por mulheres, sem a presença ou residência permanente de esposos ou companheiros.

Reproduzimos, assim, o pensamento e elaboração do Sociólogo Thales de Azevedo, que, se porventura discutível como tôdas as classificações, não deixa de trazer luzes ao problema que analisamos.

Ainda no plano geral, convém trazer à baila os três tipos de sociedades históricas formuladas por David Riesman, em seu já clássico *A Multidão Solitária*:

1.º) A *dirigida pela tradição* (tradiction directed): aquela que é governada pela tradição; recebe a cultura como um bloco; tem conformidade absoluta com as normas do grupo; a aprendizagem se faz com base na memória; é modêlo típico das sociedades primitivas rurais;

2.º) A *dirigida para dentro* ("inner directed"): o indivíduo é autônomo, mas não tanto quando pensa; o símbolo dêsse tipo de civilização, diz Riesman, é o giroscópio (instrumento marítimo que, através de rotações, mantém seu eixo prêso em constante relação com um plano);

3.º) A *dirigida para outrem* ("other directed"): recolhe as mensagens e as faz circular; os indivíduos como que estão munidos de um radar que capta mensagens e influências de tôdas as direções; a aprendizagem é livre; a memória no estudo foi substituída pelo livre-exame e pela iniciativa do aluno.

Por essas classificações, intuitivo se torna que, no primeiro tipo de sociedade, é pràticamente inexistente o conflito de gerações; no se-

gundo tipo, já ocorre; e, finalmente, no último, com o desgarramento dos filhos em relação a seus lares, com os ideais culturais voltados para os outros, a freqüência de atritos vem a ser inevitável.

O certo é o seguinte: no meio urbano brasileiro, onde o tipo de família mais numeroso é a dirigida para os outros, (aquela em que todos os padrões patriarcal-vitorianos ruíram) há sensível choque entre pais e filhos.

Uma tipologia de pais hodiernos nos ajudará a entender a dinâmica de muitos lares:

a) pai *dominador* e *autoritário*: rígido, severo, inflexível, cujas relações com o filho consistem em apenas ordenar, ameaçar, castigar;
b) pai *implicante*: crítico, em contrôle constante sôbre os filhos, minucioso, pregador de sermões (são lidos, sabidos);
3) pai *instável, contraditório*: temperamental, imprevisível, conforme os ventos de seu humor;
d) pai *cansado*: quase sempre irritado ou fàcilmente irritável, sem horário ou desejo de dialogar com os filhos;
e) pai *tradicionalista*: exige que o filho seja um digno continuador da tradição (seja social, econômica, cultural, etc);
f) pai *rechassante,* (espécie de síntese de alguns tipos citados antes). Podem ter duas expressões: a do pai *ativo*: sempre hostil, sem afeto, intolerante, censurador, alheio; e o de pai *indiferente*: ignora os filhos, alheio ao que fazem desde que não o molestem;
g) pai *aceitante,* que podemos subdividir em *indulgente* e *liberal.*

Quanto ao pai *indulgente* podemos estabelecer três subtipos:

— *identificado,* com profunda vinculação emocional aos filhos, ansioso por êles; protege-os, mima-os e se identifica de maneira tão completa que procura viver de nôvo nêles;
— *despreocupado,* com indulgência impulsiva para com o filho, não se identifica, porém, com êle;
— *democrático*: fundamentalmente indulgente, trata o filho como igual, democràticamente.

O *liberal* caracteriza-se como emocionalmente maduro; o filho, independente, participa das discussões familiares.

Relativamente às mães

1) Mãe *autoritária*: apresenta muita semelhança com o pai do mesmo tipo, tendo no marido um filho a mais; mandona, irritada, usa o marido para reforçar suas ordens;
2) mãe *frívola*: vaidosa, superficial, faz do filho objeto de exposição, está sempre em cena;
3) *mãe implicante*: também igual ao mesmo tipo de pai: constantemente corrige, pergunta, observa, estimula, sempre prejudicando o desenvolvimento livre da personalidade do filho.

Podemos agora apontar os seguintes fatôres de tensão no lar:

1) *Velocidade das mudanças sociais*: os adolescentes de hoje têm muitas experiências que não tiveram seus pais. Êstes não as entendem nem as aprovam e, como tal, as julgam más. As mutações contavam-se, outrora, em séculos, depois em décadas, agora se medem por anos;
2) *Disparidade em idades cronológicas*: antes os homens casavam mais cedo; hoje se casam mais maduros, tendo maior dificuldade em estabelecer um clima de afinidade e entendimento com os filhos; o diálogo se torna mais difícil;
3) Problemas paternos: pais em distonia, (autoritários, nervosos, irritados, cansados, etc.), fomentam maior proporção de tensões;
4) *Ambiente cultural*: podem ocorrer as seguintes situações com suas respectivas dialéticas conflitantes:

   a) Pais incultos — filhos cultos;
   b) Pais da roça — filhos em escola urbana;
   c) Pais de centros pequenos — filhos que estudam em escolas de centros grandes;
   d) Pais imigrantes — filhos que negam o ambiente dos pais;
   e) Pais cultos — filhos que não querem estudar.

5) *Realismo versus idealismo*: os pais envelhecem conservadores e rígidos; os jovens são dominados pelo idealismo, às vêzes se tornam até extremistas. Aquela conhecida *boutade* de Afrânio Peixoto: na adolescência o homem é incendiário; depois vai-se tornando, paulatinamente, bombeiro...

Escolhemos, para ilustrar o tema em epígrafe, o caso de uma môça de 21 anos, com curso normal, originária de região onde predomina acentuado resíduo patriarcal. Môça de atitude calma, sorridente, de boa aparência e apresentação.

Na primeira entrevista com o Psicólogo, a Orientanda, após informar suas aspirações por Medicina, relatou já ter sido reprovada em vestibular para êsse curso. Não sabe se escolheu a profissão certa, sentindo às vêzes mêdo (*sic*) de tal estudo. Teve estafa e fêz tratamento especializado, julgando-se em condições de enfrentar, novamente, as agruras e o esfôrço do exame vestibular, sempre para medicina, único estudo de que cogita.

O planejamento dos testes compreendeu: DAT, Barcelona, Kuder, Koch, Zulliger, e informar-se sôbre a profissão no setor próprio do ISOP. Ao interpretarmos o Zulliger, deliberamos solicitar, também, o PMK.

Por ocasião da Entrevista psicológica, a Orientanda disse que, de sua ida ao Setor de Informação Profissional, resultou continuar interessada em Medicina, de preferência a Psiquiatria. Outras atividades de seu gôsto e preferência: cuidar de crianças ao ar livre e fazer pequenos trabalhos manuais.

A Orientanda mora em bairro da zona sul, em apartamento de propriedade da família. Tem quatro irmãs e um irmão. Nível sócio-econômico elevado. Pai na casa dos 50 anos, nascido em zona de intensa e pesada influência patriarcal; calado, não demonstra o que sente; às vêzes tem explosões violentíssimas; observador, sabe tudo o que se passa com os outros, embora de pouca conversa; detesta mentiras; muito fechado para com a Orientanda; relações difíceis entre ambos, com diálogo pràticamente inexistente. Mãe mais velha que o marido, muito calma; também fala pouco. Lar com relações tensas no passado, quando o pai sustentou amante permanente; depois houve acomodação, a espôsa resignou-se. A orientanda não viveu o clímax da crise; ouve o relato apenas. Dá-se bem com a irmandade, nada havendo de particular a registrar.

A Orientanda nasceu fora do Rio de parto normal; permaneceu até aos 18 anos na localidade natal. Depois transferiu-se em caráter definitivo para o Rio. Considera boa a infância, quando nada lhe faltou.

Sôbre a vida escolar julga bem feitos todos os cursos, tendo dificuldade apenas em Matemática.

Suas distrações são praia, cinema, passeios, viagens. Sabe dançar, mas não tem muita vida social. Não é religiosa e seu interêsse por política é superficial; apenas procura não ficar "por fora".

Relativamente à vida afetiva, diz ter manorado pouco; foi noiva muito jovem, mas desmanchou porque o noivo tirava-lhe tôda a liberdade; perfilhava todos os comportamentos da estrutura patriarcal, rígido, autoritário. No momento tem namorado, mas de pouco convívio. A Orientanda tem vida sexual. Diz que a iniciou para aliviar-se, para não suicidar-se; estêve em crise existencial quando da estafa, à qual diz ter sido levada pela tensão que lhe criaram o noivo e o pai (êste jamais admitiu o namôro de qualquer filha, reagindo às vêzes violentamente). Está consciente de que o exercício da vida sexual trouxe-lhe grande melhoria; tem muita vontade de ter filhos.

Sôbre si mesma considera-se muito calma; sensível, se aborrecida, chora. Evita ferir e magoar a quem quer que seja. Muito observadora; aprendeu muito a arte do tato social, porque para viver bem com o pai "necessita ser artista". Nega vertigens.

Ao encerrarmos a entrevista, registramos a impressão de môça de bom contacto, em situação conflitiva, sensibilidade ferida, realizando enorme esfôrço para superar as dificuldades.

Quanto aos testes, o DAT revalou raciocínio mecânico no percentil 80; o verbal, no percentil 75; o abstrato, no 70 e numérico e espacial, respectivamente, nos percentis 25 e 50. O teste Barcelona não ofereceu resultado correspondente ao DAT, pois enquanto neste obteve alguns escores além do normal, naquele situou-se na zona média.

A prova de interêsses assinalou gôsto e preferência por trabalho manual e técnico, em índice elevado, e, menos acentuado, interêsse por atividade científica.

Relativamente aos aspectos de personalidade, notam-se características levemente esquizotímicas e sinais de obsessividade; agressividade acentuada; por outros traços, vê-se que se trata de personalidade fina, sensível, imatura, insegura, dada a fantasias, narcisista, senso estético, dons de observação; forte coerção no ambiente familiar.

O teste de Zülliger foi particularmente rico; demonstrou senso crítico elevado e capacidade de observação, agressividade e oposicionismo dirigidos contra o ambiente; impulsividade, embora acentuado o contrôle intelectivo; sinais de sensibilidade traumatizada; dificuldade de adaptação; afetos não integrados; vivência de caráter extratensivo; preocupação sexual direta e disfarçada; também o campo da maternidade provoca-lhe sensível interêsse.

Como se vê, trata-se de pessoa portadora de contundentes feridas não cicatrizadas, atingida em várias áreas de sua afetividade, não sendo de estranhar a estafa e muito menos as nuanças de seu protesto. Não seria exagêro dizer que o caso representa tìpicamente uma dessas baixas parciais ocorridas no campo de batalha entre gerações divergentes; quanto ao lado ético, certamente cada um o interpretará à sua maneira.

O Conselho foi o seguinte:

a) Psicoterapia;

b) Quanto ao aspecto profissional, no que diz respeito ao estudo de Medicina (Psiquiatria), foi a Orientanda advertida do índice insatisfatório de seu interêsse por atividade assistencial. Também se lhe chamou a atenção para escolaridade estribada em curso normal e não em científico, o que exigirá grande esfôrço para o vestibular de medicina, curso que não foi contra-indicado (De passagem, foi-lhe mostrado como o resultado do DAT não oferece cobertura para Engenharia, de interêsse elevado na prova específica).